

Assombros da memória em "Quarto de despejo: diário de uma favelada", de Carolina de Jesus

Amazements of memory in Quarto de despejo:
diário de uma favelada, by Carolina de Jesus

Claudia Luiza Caimi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: O longo período de escravidão adotado pelo Brasil, bem como as violências praticadas e vividas – mesmo depois da ruptura do sistema escravista oficial – não são temas esgotados na ficção brasileira; ao contrário, paira sobre esses acontecimentos silêncios incômodos. Silêncio que não é imposto pelo fato de não serem tratados na literatura nacional, mas – principalmente – por serem poucos os envolvidos diretamente nesses momentos históricos que tiveram voz. A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina de Jesus, é um grito tradutor de uma memória solapada. Na obra da autora, negra e favelada, o vestígio do passado é narrado no cotidiano presente de uma vida marcada pela exclusão social, pelo apagamento do gesto escravista e sua silenciosa sobrevivência.

Palavras-chave: Escravidão. Violência. Memória. Arquivo. Montagem.

Abstract: The long period of slavery adopted by Brazil, as well as the atrocities practiced and experienced - even after the rupture of the official slave system - are not exhausted themes in Brazilian fiction; quite the opposite, uncomfortable silences hang over these events. Silence that is not imposed by the fact that they are not treated in national literature, but, mainly, because few people directly involved in these historical moments had a voice. The work *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), by Carolina de Jesus, is a cry translating an undermined memory. In the work of the author, black and living in a slum, the traces of the past are narrated in the present daily life of a life marked by social exclusion, by the erasure of the slavery gesture and its silent survival.

Keywords: Slavery. Violence. Memory. Archive. Assembly.

Eu disse: o meu sonho é escrever!

Responde o branco: ela é louca.

O que as negras devem fazer...

É ir pro tanque lavar roupa.

(Carolina de Jesus. *Antologia pessoal*, p. 201)

Sombreamento = ato ou efeito de sombrear, coberto de sombras

Claudia Luiza

Caimi

246

(Palavras relacionadas: sombreação, sombrear, sombreado, assombrear, assombreamento, sombrejar, assombramento.)

Desde que Walter Benjamin (1985) – na década de 30 do século passado – apontou a impossibilidade de o narrador moderno transmitir uma história, a consciência da crise das narrativas se evidenciou nos estudos literários, historiográficos e filosóficos. O desafio de contar e escrever a história (tanto no seu sentido disciplinar, quanto ficcional), manifesta a crise do homem moderno diante de um mundo em que a ruína é o traço evidente da perda das totalidades, da impotência da língua e do declínio da transmissão da experiência. Essa memória, a partir da ruína, só pode estabelecer sua significação no objeto fantasmal que se insinua pelos interstícios do real, em seu devir palavra, como silhueta vazia do objeto/ação desaparecido.

Mesmo diante desse quadro, a arte e as práticas culturais não se eximiram de oferecer respostas à disposição dessa memória que se constitui frágil, tênue e fragmentária. Uma série de escritores – nos anos mais recentes – tem desenvolvido estratégias de diálogo com o campo da história, documentando o acontecido a partir do testemunho e do registro do que acontece, estabelecendo relações entre testemunho, documento e arquivo. Essa narrativa testemunhal trabalha com material de arquivo e cria arquivos fictícios, problematizando a noção de documento, como também a de ficção na relação que se estabelece com o contar a história. A re/escritura da história se apresenta – então – não como representação mimética de um passado inerte, mas como um dispositivo passível a novas e diferentes apresentações.

Como memória, a noção de história se dilata em um jogo entre lembrança, esquecimento e montagem do passado fulgurado pela noção de imagem sobrevivente, um tempo fantasmal, tal qual Didi-Huberman propõe (2013). Ao anacronismo dos restos, cabe intensificar e instaurar

a demora¹, nos termos desenvolvidos por Derrida, sobre a escrita do sofrimento e do desastre. Neste sentido, a noção de arquivo, pessoal e histórico, não mais assume uma dimensão de lugar em que é depositado os documentos do passado, mas a perspectiva de por em questão o futuro, o que foi negado, o impensado (DERRIDA, 2001, p. 44).

Tais constatações indicam a formulação de uma crítica literária/histórica/filosófica conectada com as correspondências e rearticulações do funcionamento de uma memória pessoal e política, que expanda o retrato dos sujeitos apagados da história ao incluir suas existências na vivência contemporânea, fazendo dos sobreviventes partícipes do ato mnemônico e – principalmente – alertas a todas as formas de violência e exclusão. Se – por um lado – a experiência da violência radical, no seu aspecto traumático, leva ao silenciamento, já que a experiência vivida não encontra na expressão linguística a “configuração da ação”, não tendo como dar uma forma para a experiência dolorosa que se manifesta mais como uma sensação, um sofrimento, do que como imagem; por outro, o presente – na maioria das vezes – se nega a “ouvir” esse passado perverso que não pertence à realidade viva. Como então transmitir para o presente o passado ameaçado pela inlegibilidade e inaudibilidade?

Didi-Huberman, ao discutir a legibilidade das imagens dos campos de concentração, quando de sua abertura, diz que é importante compreender “um aspecto do mal-estar que essas imagens fatalmente suscitam: se sua legibilidade permanece problemática, não é porque sua visibilidade é ilusória ou quer nos ocultar alguma coisa (...) é porque sua própria temporalidade é insustentável, ou antes, deslocada da experiência trágica que ela documenta” (2018b, p. 30). Isso significa que – para as narrativas da violência produzirem uma experiência histórica – essas experiências devem se dar no estado de nossa experiência

Assombros da memória em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina de Jesus

247

1 Na obra de Jacques Derrida, Morada: Maurice Blanchot (2004), o sentido de demorar opõe-se ao seu significado mais habitual: aquilo que demora, que permanece, que está disponível para a apropriação ou apreensão. Caso desaparecessem, poderia ser recuperados ou reatualizado em atos de lembrança. Derrida, recuperando Blanchot, alude ao que ‘desliza para a desapareição’, ao que escapa à lembrança e suas intensidades afetivas, ao que o autor não consegue situar. Conforme esclarece Alice Serra (2016), “nessas passagens indica-se essa outra demora: Blanchot menciona um “deslizar para a desapareição” que é também “alusão a um evento (événement)”, mesmo à “intimidade” de um evento que, porém, permanece indeterminado. Nessa experiência, remissiva a algo supostamente já ocorrido, mas não passível de situar-se – “quando?” – pergunta Blanchot – nessa circunstância, o que não teve lugar “recomeça e recomeça sem começo nem repouso”. Nesse ponto de não presença, de não apreensão, mas também de ‘permanência no que não teve lugar e insiste em recomeçar sem cessar’: aí mora e demora (demeure) o que dá lugar à literatura.”

presente, de onde emerge, entre o imenso arquivo de textos, imagens ou testemunhos do passado, “um momento de legibilidade que aparece como um “ponto crítico”, um sintoma, um mal-estar” (2018b, p. 30). Esse caminho implica resgatar a complexidade que atravessa esses acontecimentos, recolhendo os rastros e montando – em primeiro plano – as singularidades em suas relações, em seus movimentos e intervalos. Edificar uma história a partir de pequeníssimos elementos disponíveis, a fim de trazer à tona o “cristal” do acontecimento, diz Didi-Huberman (2018b, p. 20).

Pensar esse arquivo como um engenho produtor de semelhanças documentais e – simultaneamente – panorama de sua dissolução, consiste em aproximá-lo de uma política de memória ancorada numa certa “ética de transmissão” (GAGNEBIN, 2014, p. 215) e no compromisso com uma outra história, que recusa formas de memória que se situam, por um lado, na visibilidade da imagem e na materialidade do traço; por outro, na promoção do esquecimento dos “restos moribundos do político” (NOUZEILLES, 2011, p. 134), daquilo que é violência, indiferença e exclusão por parte de estados, como o brasileiro, que mantém desigualdades sociais como política econômica.

Neste cenário, a “impossibilidade” de narrar o passado de escravidão e a violência do estado brasileiro só pode ser reparada no esforço de uma narrativa testemunhal que ressignifica a história, instaurando no pensamento e na experiência o gesto da ausência e do esquecimento enquanto ferida do presente.

Assim, o interesse primeiro desta leitura é revelar o gesto tradutor de uma memória solapada e ou interrompida. Textos como os de Coralina de Jesus formam o arquivo dos acontecimentos que permearam a violência e a indiferença do Estado a partir de princípios (fragmentos, testemunhos, imagens) de funcionamento em que a memória não está articulada com a clareza e o resgate do passado tal qual foi, mas, antes, com a resistência crítica à destruição do traço e sua contínua rearticulação com o presente. Antes de mais nada, a memória que o texto de Carolina carrega é “sombreada” por uma sociedade desigual. O relato presente em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* permite que vejamos o projeto de estado elitista e racista, em que o enraizado sistema escravocrata se manifesta em desigualdade social, em que a abolição escravatura não se manifesta em direito à cidadania.

Assombro = grande susto, terror, espanto

(Palavras relacionadas: assombramento, assombração, assombrar, espanto, embasbacamento, estupefacção, assombroso)

O longo período de escravidão adotado no Brasil colônia e parte da independência, bem como as atrocidades praticadas e vividas, mesmo depois da ruptura do sistema escravista oficial, não são temas esgotados na ficção brasileira; muito pelo contrário, paira sobre esses acontecimentos silêncios incômodos. Silêncio que não é imposto pelo fato de não serem tratados no cânone da literatura nacional, mas – principalmente – por serem poucos os envolvidos diretamente nesses momentos históricos que tiveram voz, possibilidade de contar a história e serem ouvidos. Carolina de Jesus é uma dessas poucas vozes negras e pobres que ousou, ergueu a voz (HOOKS, 2019) e manifestou literariamente o desejo de um futuro inclusivo. Antes dela já haviam se manifestado Maria Firmina dos Reis, com a publicação de *Úrsula* (1859), o primeiro romance de autoria feminina negra no Brasil e Ruth Guimarães, com a publicação de *Água Funda*, em 1946. No entanto, Carolina de Jesus – na sua condição de “pouco escolarizada” – exerceu extrema perseverança e resistência na articulação de um discurso, que mesmo fora do cânone literário hegemônico dos anos 60, se apresenta como lugar de enunciação e de trabalho literário e intelectual que carrega uma cultura de exclusão e o passado colonial.

Esse passado presente no texto de Carolina se articula com um “presente contínuo” que está pautado nas vivências coletivas de violência extensa do processo colonial, com seus massacres; da escravidão, estendida em tempos de país independente, já que traça uma linha de continuidade sustentada na desigualdade e exclusão. Carolina, tornou visível um grupo social. Ao erguer a voz, na certeza da sua escrita, faz um ato de rebelião, rompendo o silêncio de pessoas oprimidas e exploradas a fim de mudar sua(s) vida(s).

Ao nos depararmos com a obra de Carolina, também temos que nos perguntar sobre as condições que tornaram possível que seus livros estejam diante de nós, tantos foram as esquecidas, houve tantos obstáculos. Jaime Ginzburg explica que “A tradição patriarcal e escravista foi responsável, em sua violência estrutural, pelo estabelecimento de dificuldades para mulheres, negros e pobres receberem condições concretas para a produção literária, incluindo acesso à escolarização, respeitabilidade e reconhecimento dentro de políticas editoriais” (GINZBURG, 2010, p. 124).

Assombros da memória em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina de Jesus

249

A censura, a repressão, a miséria, a falta de letramento e a exclusão social, trabalham juntas para destruir esse arquivo. Jogam vidas e uma parcela significativa da população, bem como a luta, a resistência e o sofrimento vivido, na amnésia, na aniquilação da memória. Essa é a realidade do cânone brasileiro, que só recentemente tem “aberto” espaço para autoras que resistiram ao sistema literário. Neste sentido, reconhecer a obra de Carolina de Jesus no espaço literário e memorialístico contribui para a formação de novos arquivos – novas memórias – que configuram a experiência dos que sucumbiram ao silêncio.

Carolina, como ela mesmo dizia, tinha “vício de poesia”, mesmo sendo acolhida por alguns segmentos intelectuais, ela tinha noção de que como mulher, pobre e negra a dificuldade de publicar seus escritos era imensa. “Minha cor, certamente, concorria para que eu não pudesse realizar as minhas aspirações. Revoltava-me. Bem sei que não tenho ilustração, que não sei muito, o português, mas duvido que haja por aí pessoa mais bem inspirada do que eu” (FARIAS, 2017, p. 123). Basta recuperarmos a trajetória da sua publicação em vida para nos depararmos com o acolhimento “bombástico” de seu primeiro livro e o esquecimento da obra posterior. Novos tempos e outras formas de compreender a cultura, a história, a literatura, os escritos de memória, bem como a possibilidade de voz do subalterno², para que sua obra ressurgisse e seja tomada pela academia na dimensão do arquivo memorialístico e literário que abarca.

Sua escrita e publicação é um ato de luta por dignidade e resistência à exploração e à desumanização, que sua história de vida impôs. A obra testemunha a história dessa luta e da opressão a que estão confinados os pobres no Brasil. Lilia Moritz Schwarcz, no seu mais recente livro – *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019) – examina as raízes da formação do estado brasileiro, frequentemente mascarado pela mitologia da democracia racial, de um imaginário (criado) que naturalizou a desigualdade, negando o preconceito racial, o mandonismo, a violência e a intolerância social, quando as pesquisas mostram a existência de práticas cotidianas de discriminação contra negros e negras, indígenas, pobres, LGBTQ+, mulheres, etc. Diz ela, “Nosso presente anda, mesmo, cheio de passado, e a história não serve como prêmio de consolação” (SCHWARCS, 2019, p. 25).

² Gayatry Spivak utiliza o termo “subalterno” para se referir a grupos marginalizados; grupos esses que não possuem voz ou representatividade, em decorrência de seu status social.

Essa história persistente – diz Schwarcs – fica encravada nas práticas, nos costumes e nas crenças sociais produzindo novas formas de racismo, violência e estratificação. Isso se evidencia quando tomamos dados de órgãos oficiais e Ongs. Desde 2015, pardos são maioria no país. Esses dados são recentes, grande parte da população parda (mestiça), não se reconhecia como tal, essa mudança diz respeito a uma agenda de direitos civis, pautada nos anos de redemocratização, que propiciou a mudança nos critérios de autodefinição de uma parcela significativa da população. Porém, se esse dado é importante para desenhar o perfil da população, outros assombros e sinalizam a consistente exclusão social. Os negros brasileiros correspondem a 70,8% de todos os 16,2 milhões que vivem – atualmente – em situação de extrema pobreza, de acordo com a Organizações das Nações Unidas. Conforme dados do IBGE, em 2014, 76% dos mais pobres no Brasil são negros. Conforme apontado pela BBC Brasil, dos 30 mil jovens assassinados no Brasil, 77% são negros. Dados do InfoPen (Sistema Integrado de Informações Penitenciárias) mostram que os negros compõem 60% da população carcerária do país.

A obra de Carolina testemunha essa temporalidade complexa em que o outrora se apresenta no agora. Não somente no sentido da perpetuação da violência à que parcela da população brasileira está submetida pela imensurável diferença social evidenciada nos parágrafos acima, mas também no exercício de linguagem e montagem que o testemunho de Carolina produziu. Ou seja, cabe nos perguntarmos como ela conseguiu se colocar diante do imenso e rizomático arquivo de imagens heterogêneas difíceis de dominar, de organizar e de entender, precisamente porque seu labirinto é feito de intervalos e lacunas, tanto como de coisas vividas e observáveis. Didi-Huberman diz que tentar fazer uma arqueologia sempre é arriscar-se a colocar uns juntos a outros, traços de coisas sobreviventes – necessariamente heterogêneas e anacrônicas – posto que vem de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas. Esse risco tem por nome imaginação e montagem. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 406)

Sombrio = escuro, cheio de sombras ou trevas, tenebroso

([Figurado] Repleto de tristeza, de melancolia; triste, melancólico, taciturno, carrancudo, severo: aparência sombria. [Figurado] Sem esperanças, perspectivas; desanimador, desesperador: futuro sombrio [Figurado] Que traz consigo a desgraça e a infelicidade; tenebroso.)

Assombros da memória em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina de Jesus

251

A obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada (1960), o mais famoso dos escritos de Carolina, inscreve na narrativa a memória da colonialidade como um dos paradigmas centrais do Brasil (MIRANDA, p. 117). Mulher, negra e favelada, apresenta um diário no qual (d)escreve o que presencia na favela de Canindé e pelas ruas de São Paulo nos anos 50: a miséria, a fome, o preconceito, as brigas, os assassinatos, a prostituição infantil, o descaso social: a precariedade da vida. O diário de Carolina é gesto de escrita que disponibiliza uma verdade vivida e manifesta o testemunho do sofrimento que – ao mesmo tempo – é da sua atualidade de vida, da memória de um grupo social que sobrevive e da nossa atualidade. Seu diário é uma força latente do passado que é transmitida num “fora do tempo”, em um intervalo entre o agora e o outrora, em que os fragmentos da memória convivem na escritura presente e na leitura neste agora a que pertencemos.

No texto de Carolina, a falta é um elemento constitutivo do passado e do arquivo que ela produz. Neste sentido, o que se mostra no diário são vestígios e lacunas de temporalidades contraditórias e “coisas” sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas. Podemos dizer, uma montagem que como Didi-Huberman repara, “produz um relâmpago magistral de uma interpretação cultural e histórica, retrospectiva e prospectiva – essencialmente imaginativa- ...” (2018, p. 37-39). É isso que o trabalho de montagem que esse diário produz, como podemos ver nos dois fragmentos/dia selecionados para análise: 7 de junho de 1958 e 25 de maio de 1958.

7 de junho de 1958. Os meninos tomaram café e foram a aula. Eles estão alegres porque hoje teve café. Só quem passa fome é que dá valor a comida.

Eu e a Vera fomos catar papel. Passei no frigorífico para pegar linguiça. contei 9 mulheres na fila. Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo, marcar os fatos. Papel nas ruas. Ganhei 20 cruzeiros. Fui no bar tomar uma média. Uma para mim e outra para a Vera. Gastei 11 cruzeiros. Fiquei catando papel até as 11 e meia. Ganhei 50 cruzeiros.

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia a guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

- Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

- Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo em sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe:

- O arco-íris foge de mim.

...Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margem do rio perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.

Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajes rotos ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fábrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambalava. Estava tonto de fome!

...Encontrei com ele outra vez, perto do depósito e disse-lhe:

- Senhor espera que eu vou vender este papel e dou-te cinco cruzeiros para o senhor tomar uma média. É bom beber um cafezinho de manhã.

- Eu não quero. A senhora cata estes papeis com tantas dificuldades para manter os teus filhos e deve receber uma migalha e ainda quer dividir comigo. Este serviço que a senhora faz é serviço de cavalo. Eu já sei o que vou fazer da minha vida. Daqui uns dias eu não vou precisar de mais nada deste mundo. Eu não pude viver nas fazendas. Os fazendeiros me explorava muito. Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é a dinheiro e eu não encontro emprego porque já sou idoso. Eu sei que eu vou morrer porque a fome é a pior das enfermidades.

...o homem parou de falar bruscamente. Eu segui com meu saco de papel nas costas.

*Assombros
da memória
em “Quarto
de despejo:
diário de uma
favelada”, de
Carolina de
Jesus*

253

...Tem pessoas que aos sábados vão dançar. Eu não danço. Acho bobagem ficar rodando pra aqui, pra ali. Eu já rodo tanto para arranjar dinheiro para comer.

Procurei a Vera, não encontrei. Gritei, não apreceu. Fui na Portuguesa de Desportos. Já tinha iniciado os festejos juninos. Ela não estava lá. Fui no ponto de bonde três vezes. Eu já estava pensando ir no juizado de menores, ia gastar o dinheiro reservado para o po. Quando cheguei na favela para pegar os documentos para eu ir na cidade, a Vera estava procurando-me. Disse-me que estava procurando balões. E que estava cansada de correr. (p. 53-55)

Neste dia 07 de junho de 1955 temos um excelente exemplo da construção discursiva de Carolina. A fome e a luta diária pela sobrevivência são o cotidiano comum da vida dessa mulher negra da periferia, mas também dos que vivem entorno dela, dos seus antepassados e de uma parte significativa da população brasileira hoje. Na sua escrita, Carolina reelabora a dor sentida por meio das palavras que canalizam para a página o sofrimento, cristalizando-o além de si e do momento que abriga a cena. Mais do que a situação de penúria, chama a atenção do leitor, sua capacidade imaginativa, seu dom de compor diante da pior das adversidades, o modo como ela enfrenta o cotidiano e como reelabora-o.

Partindo da felicidade que é ter comida para dar aos seus filhos, a construção do dia/diário é feita por uma dualidade entre quem luta para ter alimento, a necessária coragem e determinação para a sobrevivência, e desejo de uma vida melhor. Entre Carolina e o Homem que ela encontra comendo na lama a única diferença é de gênero, mas ele é a figura contrária ao desejo da menina de ser homem e lutar pela “pátria”, desistiu de si e do mundo. Carolina não faz as relações entre ela e o Homem; tampouco faz conexões de causa e consequência entre seu sonho de menina de ser homem para lutar e a desistência do Homem da luta. Só coloca lado a lado as cenas da sua busca diária por alimento, seu sonho, a impossibilidade de realização do mesmo, o cansaço de correr atrás do sonho, a condição de miserabilidade dos habitantes da favela que se alimentam de restos, que disputam com os corvos, a exploração e a falta de trabalho, a indigência da velhice, a impossibilidade do lazer, a Vera, cansada de procurar balões; como a mãe, arco-íris. A felicidade é ter comida.

Ao mesmo tempo em que há uma semelhança entre o Homem e Carolina, dois negros, pobres, famintos, maltrapilhos e explorados, o texto dela faz aparecer uma diferença de gênero, que também está muito presente em outros dias do diário, e que é muito significativa da realidade brasileira. O gênero, entendido como categoria criada por uma série de performances normativas que são reasseguradas por uma cultura de base heterossexual (BUTLER, 2013), implica uma sociedade desigual, em assimetrias que se manifestam claramente em diversas formas de violência, como vários indicadores evidenciam, mas também, com está presente no fragmento de Carolina, em abandono paterno. Essa realidade muito presente e pouco discutida, tem relação com a cultura do estupro praticada pelos colonizadores contra as mulheres negras e índias. Como consequência, parece haver enraizada até os dias de hoje, uma herança cultural de filhos sem pai. Também é a feminização da pobreza que Carolina faz aparecer, compondo e decompondo sua cronologia. Assim como sua mãe foi responsável pelo seu sustento até ela atingir a idade de trabalhar, Carolina também sustenta os três filhos com quase nenhuma ajuda dos pais das crianças. Mais uma vez, o sonho de menina de ser homem e “salvar” o país, na montagem, deforma a cultura patriarcal e faz aparecer outras imagens que compõem a realidade do país, nas quais as mulheres são protagonistas da sobrevivência.

Enquanto montagem, o aspecto formal da composição do livro apresenta, levando em consideração a ideia de que exhibe os conflitos por fragmentos de um passado que age sobre nós, uma percepção que não chega a sínteses, só exhibe. A falta não é só um elemento temático, já que não há o que comer, é também elemento constitutivo deste passado resgatado a indicar-nos procedimentos narrativos, como a dissociação entre um parágrafo e outro -, a dissociação do eu narrado com o mundo que habita. É no intervalo entre um parágrafo e outro, entre uma imagem e outra que o passado nos assalta, o presente nos assombra e o futuro se mostra sombrio.

O texto produz uma abertura do tempo e mostra – anacronicamente – os intervalos dos deslocamentos que expõe. Ao mesmo tempo, no fragmento, temos o passado da personagem – sua origem de menina pobre, suas memórias e sonhos –, seu presente – de mãe chefe de família e outras mulheres, responsáveis pelo sustento dos filhos – e o futuro – no seu “desejo” de reparação e na figura da filha Vera, crian-

Assombros da memória em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina de Jesus

255

ça que se alça aos balões. Entre o arco-íris de Carolina e o balões de Vera, o cansaço de vidas marcadas por um correr que não é bailar, que não oferece nenhum prazer, só a dureza da rotina dos moradores da favela. A presença constante da falta de alimento amplia o âmbito de pertencimento nesta dureza, num passado no qual o desejo de justiça, justiça e igualdade só se constitui como quimera e a vida futura, presente na cansada figura de Vera, já anuncia a repetição da desigualdade e exclusão.

A condição animalesca desses seres humanos é insinuada por comparações entre os favelados/pretos e os corvos que buscam pela comida em lixões que se acumulam nas margens do rio Tietê, mas também por essa condição da vida animal que diariamente tem que “lutar” por seu alimento e sobrevivência. A condição do trabalho, que propiciou para a humanidade acumular riquezas e sair da busca diária e da incerteza de se alimentar, não está disponibilizada para esta parcela da população que só foi acolhida na condição humana como “burro de carga”, trabalho que dá o sustento para Carolina e aos seus filhos.

Essas imagens, exibidas lado a lado no diário, mostram a tensão que o desenho das diferenças e semelhanças criam juntas. Essa montagem artificial(literária) de uma continuidade corporal (mulher/homem; homem/animal; adulto/criança), a partir de planos descontínuos dispostos em sequência, expõe visualmente as discontinuidades do tempo que atuam na histórica, manifestando as repetições desse conjunto vivo que é essa sociedade. É dispondo coisas estranhas numa proximidade oposta ao ato de espelhamento que Carolina produz o efeito estético de perturbar o “sentido do mundo” desigual. Ao confrontar des(semelhanças), seu escrito põe em crise a mensagem que veicula, já não é o tempo presente (o tempo do diário, do dia a dia de Carolina) que ali se coloca; é um tempo de memorabilidade, de remontagem, que dispõe todas as coisas para trabalhar na cisão, escrevendo por cortes e remontagens, para melhor expor as relações e diferenças às quais está submetida.

Outro exemplo significativo da desterritorialização do pensamento que o processo de montagem do diário provoca é o dia 13 de maio de 1958, no qual podemos perceber a memória errática, pautada pelo inconsciente e saturada de imagens heterogêneas, indicando lugares vazios e elos perdidos.

13 de maio de 1958. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É dia da abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no Senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

...eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

- viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o habito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

-“Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço, Carolina.”

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. No inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha para a Dona Alice. Ela deu-me banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual- a fome.” (p. 30-31)

Assombros da memória em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina de Jesus

257

Como no exemplo anterior, o relato de Carolina oferece vestígios de fatos e gestos marcados pelo tempo. A memória revelada é também marcada por esquecimentos, ameaçada pela profanação, já que coabitam vozes na voz de Carolina. Ao mesmo tempo em que se revela a continuidade da condição de miserabilidade dos descendentes de escravos, na fome que soa nas vozes das crianças, na voz da autora, que se posiciona – positivamente – sobre as origens raciais, empregando termos que a aproximam da fala dos teóricos da negritude atu-

ais, uma voz conservadora, próxima à de uma ideologia dominante, que reitera a separação racial, a predominância branca e o “lugar” do negro, nos perturba e faz ecoar na montagem do texto o passado e o futuro no presente vivo de Carolina.

O diário põe – lado a lado – partes de vozes sobreviventes, “heterogêneas e anacrônicas, visto que procedem de lugares separados e de tempos desunidos pelas lacunas”. (DIDI-HUBERMAN, 2018a, p. 37) Esta suposta contradição da autora é antes a contradição da formação política e econômica do Brasil. Expressa o impacto e as heranças das experiências de violência brasileira, pelas marcas traumáticas do passado colonial, do sistema escravocrata e de uma república, muitas vezes populista, aliada ao capitalismo e as regras do mercado. Carolina também constitui a voz excludente para com os favelados, os negros, os nordestinos, as mulheres, moralmente cristã e marcada por clichês românticos.

A montagem da memória responde à construção da historicidade porque escapa das teleologias e torna visíveis as sobrevivências e os anacronismos, diz Didi-Huberman (2018a, p. 40). É justamente o reencontro com temporalidades contraditórias que afeta cada um de nós, cada gesto, cada fala que mostra todas as complexidades de tempo e lugar. É justamente porque a escrita da memória não é imediata, mas está “no presente” que é capaz de fazer visível relações temporais complexas.

Ao escrever sobre aspectos íntimos e refletir sobre sua existência e de seu contexto – mesmo que perpassada por editorações – Carolina articula a questão social, política e feminista, manifesta a dimensão de uma pensadora crítica e atenta que se empenhou em produzir e publicar textos que tornaram visíveis as múltiplas experiências de mulheres e de homens, negros e “baianos”/nordestinos, cristãos e evangélicos, brancos e negros, neste presente perpétuo que parcelas da população brasileira está mergulhada. A obra de Carolina denuncia silenciamentos e ocultamentos, mas – principalmente – sublinha a “reprise do espetáculo”, a presença da sociedade escravista brasileira na exclusão e no racismo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov e Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas 1, São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DERRIDA, Jacques. **Morada**: Maurice Blanchot. Lisboa: Vendaval, 2004.

_____. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente**: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. **A imagem queima**. Curitiba: Medusa, 2018a.

_____. **Remontagens do tempo sofrido**: o olho da história, II. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018b.

FARIAS, Tom. **Carolina, uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 300f. Tese (Livre docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

GUIMARÃES, Ruth. **Água Funda**. São Paulo: ed. 34, 2018.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

JESUS, Carolina Maria. **Antologia pessoal**. Org. José Carlos Sebe Bo Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

Assombros da memória em “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina de Jesus

259

_____. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)**: posse da história e colonialidade nacional confrontada. 250f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

Claudia Luiza
Caimi

260

NOUZEILLES, Gabriela. Os restos do político ou as ruínas do arquivo. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 6. ed. Belo Horizonte. Ed. PUC Minas, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SERRA, Alice. Demorar, de Derrida a Blanchot: literatura e rastreamentos. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 136-146, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.